

AMORIM NEWS

ANO 37 / NÚMERO 1

Sustentável por natureza

Sob o mote “nada se perde, tudo é valorizado”, a Corticeira Amorim a partir de 1963 passa a transformar os desperdícios da produção de rolhas, convertendo-os em grânulos, e depois em aglomerados, que oferecerão novos mundos à cortiça. Seria apenas o primeiro passo em direção à circularidade que 150 anos depois da sua fundação é uma das maiores bandeiras do grupo. Hoje temos 29 estabelecimentos com certificação FSC®, 63% da nossa energia é de origem renovável (biomassa), plantamos quase 1 milhão de árvores autóctones, a taxa de valorização de resíduos ultrapassa os 90%, e conduzimos programas de reciclagem nos cinco continentes.



-
- 3** Editorial
Cristina Amorim
- 4** Vitra Design Museum
- 5** Serpentine Pavilion 2020/21
- 6** Temos muito a ganhar se contarmos
as histórias da cortiça
Kim Carstensen
- 9** Sustentabilidade: a ambição de ir mais longe
- 14** Rolhas de Cortiça Amorim:
pegada negativa, impacto positivo
- 16** O que me motiva são as pessoas
Luís Álvaro Costa
- 17** Pré-publicação: 30 histórias da nossa gente
- 18** Estamos na origem disto tudo
Família Silva
- 20** ASPORTUGUESAS: identidade sustentável
- 22** Cork Pure Signature na Domotex · Um cocoon
de cortiça para a Moët Hennessy na Vinexpo
- 23** 150 Anos: Segundo ato



A sustentabilidade e a inovação são pilares intrínsecos à cultura e à estratégia da Corticeira Amorim. O objetivo é simples: aliar a tecnologia à natureza, promovendo um balanço sustentável entre ambos.

Líder de uma das indústrias caracterizadas como sendo das mais sustentáveis do mundo, a Corticeira Amorim reforça, de ano para ano, o seu compromisso com o futuro, de se manter uma marca sólida, coesa e dinâmica, com a sustentabilidade como principal referência identitária.

Impulsionada pela ambição de ir mais longe, a Corticeira Amorim aposta na investigação e inovação que resultam em projetos de desenvolvimento, em produtos e soluções com vantagens incomparáveis, nomeadamente: a redução da pegada de carbono do produto final, a redução do consumo de energia ou água, a limpeza do ambiente, o melhoramento da qualidade do ar interior e a promoção do bem-estar e conforto.

A estratégia da Corticeira Amorim dá prioridade a iniciativas intrinsecamente conectadas com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, definidos pelas Nações Unidas em 2015: apoiar a investigação, desenvolvimento e inovação; alavancar o crescimento económico; promover formação e bem-estar para todos; assegurar a saúde e segurança dos colaboradores; aprofundar a circularidade da atividade; desenvolver produtos verdes; reduzir o impacto ambiental das operações; preservar e fomentar o montado e os serviços dos ecossistemas.

Os 150 anos de história da Corticeira Amorim estão repletos de visão, de trabalho, de paixão e de Natureza. Valores comungados pelas sucessivas gerações da Família Amorim, de Colaboradores e de Stakeholders que, ao longo deste percurso, colocam o seu talento ao serviço deste material e desta atividade singular.

Esta edição da Amorim News dá voz a algumas destas Pessoas. E testemunha a forma entusiástica e empenhada como, atualmente, mais de 4400 colaboradores distribuídos um pouco por todo o mundo, procuram fazer mais e melhor, superando desafios, influenciando pelo exemplo e promovendo o bem-estar das comunidades que nos são mais próximas e da sociedade como um todo.

Cordiais cumprimentos,

Cristina Rios de Amorim
Administradora

ANO 37
NÚMERO 1

Sede
Rua de Meladas 380
4536-902 Mozelos VFR
Portugal

Propriedade
Corticeira Amorim

Coordenação
Rafael Alves da Rocha

Redação
Editorialista
Inês Silva Dias

Opinião
Cristina Rios Amorim

Edição
Corticeira Amorim

Projecto gráfico
Studio Eduardo Aires
Studio Dobra (paginação)

Tradução inglês
Sombra Chinesa

**Tradução Alemão,
Espanhol, Francês**
Expressão

Impressão e Acabamento
Lidergraf – Artes
Gráficas, S.A.

Distribuição
Iberomail Correio
Internacional, Lda

Embaladora
Porenvel Distribuição,
Comércio e Serviços,
S.A.

Periodicidade
Trimestral

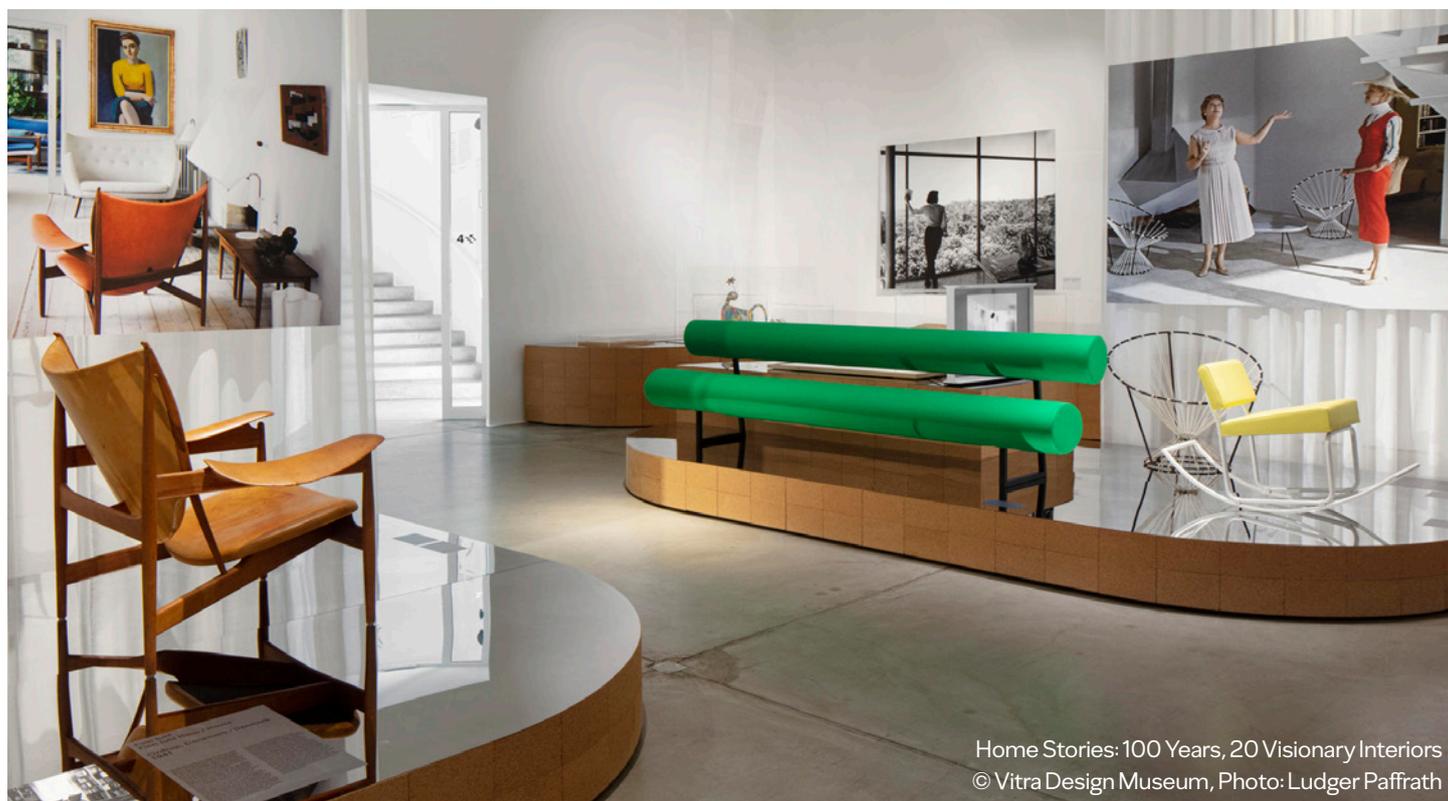
Tiragem
22.000 exemplares

Depósito Legal
386409/15

A Corticeira Amorim, S. G. P. S., S.A. compromete-se a proteger e a respeitar a sua privacidade. Poderá deixar de receber a Amorim News em qualquer altura. Para o efeito, envie-nos um email para press@amorim.com. Para mais informações sobre as nossas práticas de privacidade, bem como sobre o exercício dos seus direitos relativos aos seus dados pessoais, consulte a nossa Política de Privacidade, disponível em www.amorim.com

Vitra Design Museum

A exposição “Home Stories:
100 Years, 20 Visionary Interiors”
conta-se com cortiça



Home Stories: 100 Years, 20 Visionary Interiors
© Vitra Design Museum, Photo: Ludger Paffrath

São 100 anos de história do design revisitados através de 20 interiores icónicos, numa das exposições do ano do Vitra Design Museum, em Weil am Rhein, na Alemanha. E a cortiça portuguesa marca presença numa das mais importantes instituições do design global. Ao todo, são 3200 blocos de cortiça, produzidos nas instalações da Corticeira Amorim, que servem para contar a história de um século de design, na exposição *Home Stories: 100 Years, 20 Visionary Interiors*. Os milhares de blocos permitiram criar estruturas artísticas que envolvem cerca de 1/3 da exposição, funcionando como

suportes para os objetos de design de produto, peças decorativas e mobiliário selecionados pelos curadores. O design expositivo tem a assinatura do gabinete italiano de design, arquitetura e investigação Space Caviar, que desenhou estas estruturas com formas orgânicas, produzidas com blocos de aglomerado de cortiça fabricados pela Amorim Cork Composites (ACC). A ACC é reconhecida como uma das mais tecnológicas unidades industriais do universo da Corticeira Amorim. A cortiça não utilizada na indústria das rolhas é a matéria-prima da

ACC, permitindo desenvolver um conjunto único de materiais de alta performance destinados a indústrias como a aeroespacial, automóvel, energia, construção e desporto, entre muitas outras. Inaugurada a 8 de Fevereiro, e temporariamente encerrada devido à pandemia, a exposição propõe uma viagem retrospectiva aos interiores dos últimos 100 anos, refletindo as mudanças sociais, políticas, urbanas e técnicas que moldaram a evolução dos interiores no mundo ocidental. A conversa está reaberta, e a cortiça dá o suporte.



Serpentine Pavilion 2020 designed by Counterspace, Design Render, Exterior View © Counterspace

Serpentine Pavilion 2020/21

Oito anos depois do projeto de Herzog & de Meuron e Ai Wei Wei, a cortiça é de novo o material escolhido para o Serpentine Summer Pavilion. Desta vez numa instalação com foco na sustentabilidade. O estúdio de arquitetura sul-africano Counterspace assina a obra.

Três arquitetas com menos de 30 anos, Sumayya Vally, Sarah de Villiers e Amina Kaskar, são as autoras do projeto selecionado para o Serpentine Summer Pavilion 2020/21. Num ano em que a célebre galeria londrina assinala o seu 50º aniversário, e a iniciativa do Pavilhão de Verão festeja 20 edições, o programa será comissariado pela primeira vez pelo período de dois anos. Oportunidade para alavancar um conjunto de projetos de pesquisa que certamente criarão significativas conexões entre a estrutura, as pessoas e as comunidades. Num ano, então, de novidades – o trio feminino de Joanesburgo, que forma o estúdio Counterspace, é a equipa mais jovem de sempre a ser selecionada para projetar a instalação temporária – a cortiça é pela segunda vez o material escolhido para uma das exposições de referência do design e da arquitetura mundiais. A primeira vez foi em 2012, num projeto de referência assinado pelos arquitetos suíços Herzog & de Meuron e o artista e ativista chinês Ai Wei Wei: uma estrutura circular integrando mais de 100 peças de mobiliário de aglomerado de cortiça portuguesa. Para o projeto do estúdio Counterspace, a

Corticeira Amorim disponibilizará 200 m² de cortiça, uma matéria-prima que pelas suas credenciais de sustentabilidade únicas – 100% natural, renovável, reciclável e reutilizável – responde particularmente bem ao desafio das projetistas de criar uma instalação marcadamente ecológica. Focada na sustentabilidade, combinando técnicas de construção tradicionais e abordagens inovadoras, a proposta do estúdio Counterspace centra-se nas experiências das comunidades periféricas e de migrantes de Londres. Contornando a permanência da arquitetura, o pavilhão foi concebido como um evento em si mesmo, e inclui elementos móveis que serão espalhados por vários bairros da cidade antes de regressarem à estrutura base. Para além da cortiça, na construção do pavilhão serão utilizados outros materiais verdes, como tijolos reciclados a partir de desperdícios da indústria de construção e de demolições urbanas. Num ano marcado por desafios globais sem precedentes, a proposta para o Serpentine Summer Pavilion 2020/21 surge como um convite à reflexão e ao debate de novas ideias em torno da arquitetura, o ambiente, o bem-estar e a comunidade.



© FSCGD

À frente do FSC – Forest Stewardship Council desde 2012, o dinamarquês Kim Carstensen tem uma longa trajetória na área da sustentabilidade e do desenvolvimento. Numa entrevista exclusiva, o sociólogo destaca o papel crucial do montado e da cortiça na proteção da biodiversidade e no combate às alterações climáticas. Sublinhando também o que a Corticeira Amorim fez nos últimos anos nestes domínios.

Temos muito a ganhar se contarmos as histórias da cortiça

Há 150 anos, a sustentabilidade não era sequer uma questão. Mas muito tem acontecido desde então, e agora assistimos ao crescimento de uma consciência ambiental. O que acha que o FSC pode fazer para contribuir para essa consciência ambiental?

Bem, eu creio que o FSC se tem afirmado como parte desta crescente tomada de consciência ambiental no mundo nos últimos 40 ou 50 anos. Quando o FSC foi criado, existia uma preocupação global com as florestas tropicais, com a desflorestação, com a perda de diversidade biológica a nível mundial. E creio que naquela época também ficou claro que o meio ambiente não era apenas uma questão política, mas também algo relacionado com o consumo e a maneira como conduzimos a nossa vida quotidiana. O FSC surgiu como uma solução possível para todas as pessoas no mundo que compravam produtos com origem na floresta. Isso foi muito importante porque criou uma solução num contexto em que as pessoas tinham que escolher entre não comprar o produto e, portanto, proteger a floresta, ou comprar o produto e fazer parte da destruição. O FSC criou uma solução intermédia, pela qual as pessoas passaram realmente a fazer parte da solução, e passaram a ajudar a floresta usando produtos florestais produzidos com responsabilidade. Penso que no mundo atual o FSC continuará a desempenhar esse papel e uma das coisas

que queremos fazer – e acho que Amorim é um exemplo muito bom disso – é poder contar estas histórias de forma ainda mais clara: às empresas, mas também aos consumidores. Falar da forma como estes produtos contribuem para a biodiversidade e para a vida na floresta. Penso que a cortiça é um excelente exemplo disso.

Quando recebemos a classificação FSC para as nossas rolhas de cortiça, sentimos que houve um aumento de procura. Neste sentido, qual deveria ser a abordagem do FSC para esses grandes retalhistas no futuro?

Desde 2018, no FSC International, a cortiça é um dos quatro produtos florestais não-madeireiros que apoiamos e promovemos globalmente, em conjunto com a nossa rede de parceiros nacionais. Produtos como o bambu, a borracha natural, os frutos de casca dura e a cortiça. Isto dá-nos um novo potencial, creio eu. Até 2018, era sobretudo o FSC Portugal e o FSC Espanha que estavam a trabalhar na questão da cortiça, porque a produção de cortiça está essencialmente nestes países. Mas desde 2018 estamos a desenvolver um programa em que queremos trabalhar em conjunto com o FSC Portugal e o FSC Espanha para promover o uso de cortiça também internacionalmente. Isso inclui, por exemplo, trabalhar com a nossa rede de parceiros. Pensamos também que temos muito a ganhar se contarmos as histórias

da cortiça, mostrando as belas áreas de montado de onde a cortiça é extraída.

Também é verdade que reciclagem, o aquecimento global e emissões de CO₂ são algumas das palavras-chave que estão na mente de todos. Mas esse não é o caso da palavra “desflorestação”.

Na sua opinião, porque é que o termo “desflorestação” não tem a mesma importância que esses outros termos.

Bem, acho que a urgência da crise climática tem criado muita discussão à volta do que precisamos de fazer para melhorar a situação ambiental no mundo. E parece-me que a questão da poluição dos plásticos, que tem surgido com muita força nos últimos dois anos, também é central nesta discussão. Isso deve-se, em parte, ao facto destas questões estarem muito próximas de nós.

As alterações climáticas são algo que sentimos diariamente. Este inverno nem sequer é inverno, pelo menos na Europa. Temos tido ondas de calor na Alemanha que estão muito além do que seria desejável. Portanto, estas questões estão bem próximas de nós, enquanto a desflorestação é algo que acontece bem longe. No entanto, acho que a discussão está a mudar. Considero que realmente as pessoas estão conscientes que as florestas fazem parte da solução da crise climática. E creio que há um reconhecimento crescente de que outras grandes crises, como a diversidade biológica do mundo, são tão importantes e tão urgentes quanto a crise climática.

O que é que o FSC e os seus parceiros certificados, como a Corticeira Amorim, podem fazer para trazer esse tema à agenda?

Creio que podemos contar a nossa história e que podemos fazê-lo mais do que fizemos até agora. Há histórias fantásticas para contar sobre a cortiça. Tanto sobre as propriedades da cortiça, como sobre a sua qualidade e o seu local de origem – o montado. As imagens do montado são muito bonitas. É um ambiente espetacular. E desempenha um papel muito importante em termos de biodiversidade. Creio que há algumas histórias muito importantes para contar, histórias que não seria possível contar a respeito de uma rosca de alumínio ou de um vedante de plástico. É preciso desenvolver e divulgar essas histórias e ficaríamos muito felizes por fazê-lo em conjunto com Amorim e com outros agentes do setor.

Considera que existe mais consciência agora apenas entre cidadãos e consumidores, ou também na indústria florestal? Podemos ousar dizer que daqui a 150 anos todas as empresas do setor florestal terão este certificado?

Acho que podemos dizer que em 150 anos teremos uma situação em que as florestas serão geridas de uma maneira sustentável em todo o mundo. Se todas as florestas forem geridas de maneira sustentável, não sei se ainda precisaremos do FSC. O meu critério de sucesso seria realmente que o FSC se tornasse redundante; que todas as florestas fossem tão bem geridas que não precisássemos de um esquema específico de certificação de gestão florestal para o verificar.

Falando agora sobre a Corticeira Amorim. A Amorim Cork Composites foi a primeira empresa do grupo a obter um certificado FSC. Atualmente, todas as nossas empresas possuem certificação FSC.

Pode dizer-nos algo sobre o contributo do setor, e de um grupo com o nosso tamanho e importância, para alcançar esse cenário ideal? O que destacaria do nosso exemplo?

Estou muito impressionado com o que o grupo Amorim fez nos últimos anos. Creio que o grupo é um bom exemplo para outras pessoas seguirem. Fico muito feliz que a Amorim possa celebrar os seus 150 anos como uma empresa certificada pelo FSC. Há algumas histórias muito boas e relevantes para contar. Ficaríamos muito felizes por trabalhar com a Amorim nos próximos 150 anos, para garantir que as histórias sobre a qualidade da floresta, a qualidade da cortiça e a qualidade da empresa, sejam conhecidas por um público mais vasto porque acho que é merecido.

“Há histórias fantásticas para contar sobre a cortiça. Tanto sobre as propriedades da cortiça, como sobre a sua qualidade e o seu local de origem – o montado, que é um ambiente espetacular, e desempenha um papel muito importante em termos de biodiversidade.”

Kim Carstensen

Diretor-Geral,

Forest Stewardship Council

Kim Carstensen é Diretor-Geral do Forest Stewardship Council (FSC) desde outubro de 2012. A sua longa trajetória de liderança global nas áreas da sustentabilidade e do desenvolvimento – mais recentemente enquanto líder da Global Climate Initiative do WWF International, e como CEO do WWF Denmark – coloca-o na posição ideal para consolidar a posição do FSC enquanto líder global na certificação florestal responsável.

Sustentabilidade: a ambição de ir mais longe

Na Corticeira Amorim, a sustentabilidade é uma ambição e um compromisso, mas acima de tudo uma realidade vivida intensamente. A cortiça, uma matéria-prima 100% natural, renovável, reciclável e reutilizável, é um excelente ponto de partida. Mas é a ambição de ir mais longe que cria um impacto realmente positivo no planeta, nas comunidades e nas pessoas.

Em 1963, sob o mote “nada se perde, tudo é valorizado” a Corticeira Amorim passa a transformar os desperdícios da produção de rolhas, convertendo-os em grânulos, e depois em aglomerados, que dão novos mundos à cortiça. Este era apenas o primeiro passo num longo caminho em direção à circularidade, que hoje, 150 anos depois da sua fundação, é uma das bandeiras do grupo. Seguir-se-iam outros momentos simbólicos: em 2004 fomos a primeira empresa de packaging do mundo a alcançar o certificado FSC® na cadeia de custódia na indústria da cortiça, desde 2006 publicamos anualmente um relatório de sustentabilidade, e associamo-nos em 2008 ao projeto Green Cork dedicado à recolha de rolhas para reciclagem. Enquanto líder de umas das indústrias mais sustentáveis do mundo, a responsabilidade da Corticeira Amorim neste tema central para o nosso tempo fica ainda mais clara. Como salienta Cristina Amorim, Administradora, esse compromisso é um dos pilares da identidade do grupo, com um papel absolutamente central na sua

cultura e na estratégia: “A visão, capacidade empreendedora, o trabalho e a paixão de toda a equipa da Corticeira Amorim têm vindo a contribuir para os objetivos da empresa, intrinsecamente conectados com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, definidos pelas Nações Unidas em 2015.” Na verdade, dando resposta à missão de acrescentar valor à cortiça, de forma competitiva, diferenciada e inovadora, em perfeita harmonia com a Natureza, a Corticeira Amorim identificou 12 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e 44 metas, como sendo os prioritários para a sua estratégia. Todo o programa de sustentabilidade do grupo está assim alinhado para dar resposta a estes objetivos através de ações variadas e concertadas. O facto de desenvolver a sua atividade com base na cortiça – uma matéria-prima 100% natural, extraída ciclicamente das árvores sem as danificar – coloca a Corticeira Amorim numa posição estratégica privilegiada. Por isso, o grupo se assume como “sustentável por natureza”. Mas é a ambição de ir mais longe que faz a diferença.

OBJECTIVOS DA CORTICEIRA AMORIM

- | | |
|---|---|
| 1. PRESERVAR O MONTADO E OS SERVIÇOS DOS ECOSISTEMAS | 5. APOIAR A I&D+ INOVAÇÃO |
| 2. REDUZIR O IMPACTO AMBIENTAL | 6. ALAVANCAR O CRESCIMENTO ECONÓMICO |
| 3. APLICAR A ECONOMIA CIRCULAR | 7. PROMOVER FORMAÇÃO E BEM-ESTAR |
| 4. DESENVOLVER PRODUTOS VERDES | 8. ASSEGURAR A SAÚDE E SEGURANÇA |

100% aproveitamento de cortiça

Economia Circular

Respondendo ao desafio de revalorizar recursos e materiais, a Corticeira Amorim assenta o seu processo de produção num aproveitamento de 100% da cortiça, sendo esta otimização da utilização e consumo de cortiça em todo o ciclo produtivo uma das estratégias preconizadas pelo grupo. Para além do aproveitamento total da cortiça, e sempre que é viável, o grupo opta pela utilização de materiais reciclados de outras indústrias, poupando recursos naturais existentes no planeta, reduzindo os problemas associados à sua eliminação. Em 2019, mais de 80% dos materiais utilizados foram de origem renovável, aproximadamente 90% dos resíduos foram valorizados, e 485 toneladas de cortiça foram recicladas.

485t
cortiça reciclada

≈ 90%
taxa de valorização de resíduos

5
continentes com programas de reciclagem de rolhas de cortiça

> 80%
materiais consumidos de origem renovável

> 971 000
árvores autóctones plantadas em parceria desde 2008

> 90%
cortiça e produtos de cortiça de origem controlada

2 868
alunos envolvidos em ações de educação ambiental

29
estabelecimentos com certificação FSCR na cadeia de custódia

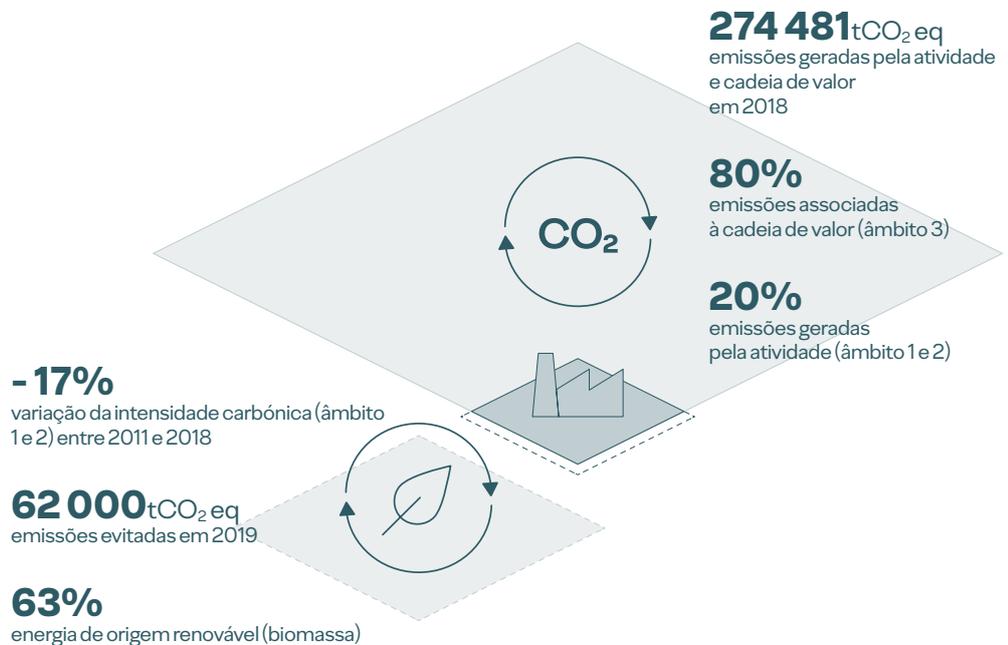
Relatório Sustentabilidade 2019

- 4 600 000 tCO₂/ano

sequestro aproximado promovido no montado de sobreiro em 2018
(17 vezes mais que as emissões geradas pela atividade e cadeia de valor)

Eficiência Energética

O processo produtivo da Corticeira Amorim aproveita até os mais pequenos granulados como importante fonte de energia cobrindo 63% das necessidades energéticas do grupo (biomassa). Cerca de 80% das emissões da Corticeira Amorim em Portugal são indiretas. A Corticeira Amorim contabiliza e reporta as emissões que resultam das atividades próprias (emissões de âmbito 1 e 2) e também, para a sua atividade em Portugal, algumas fontes de emissões indiretas (emissões de âmbito 3), como transportes a montante e a jusante, deslocações em serviço por avião, mobilidade pendular dos colaboradores ou transporte dos resíduos produzidos.



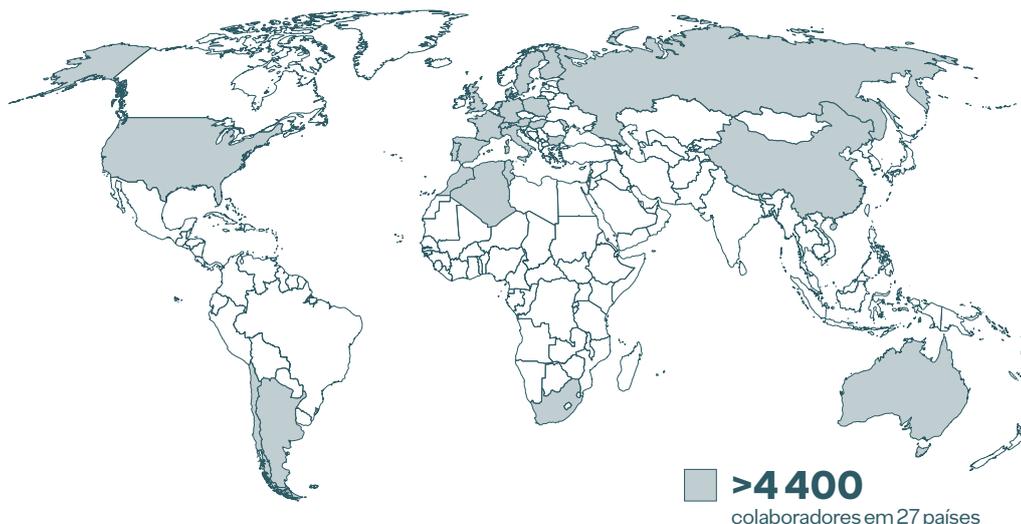
Inventário de emissões de GEE, EY 2019

1175 000 000 €/ano*

Valor total líquido adicionado à sociedade quando incorporado o impacto dos serviços dos ecossistemas do montado (mais de 7 vezes superior ao valor direto adicionado)

Impacto socioeconómico

Ciente do impacto das suas operações nas regiões onde está presente e na economia portuguesa, a CA desenvolveu um estudo de impacto ambiental com o apoio da EY. Tal estudo veio permitir contabilizar os impactos do grupo na economia portuguesa relativamente ao valor criado e sustentado, para o ano de 2018. Os resultados do estudo indicam que a Corticeira Amorim tem uma contribuição de valor total líquido para a sociedade de 1175 milhões de euros por ano, incluindo os impactos ambientais da sua atividade e os impactos dos serviços dos ecossistemas do montado viabilizados por esta.

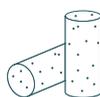


*Impactos ambientais, económicos e sociais, EY 2019

25 000 000 rolhas/ano

Produtos Verdes

As características inatas da cortiça fazem desta matéria-prima uma solução cada vez mais valorizada por uma sociedade que procura soluções sustentáveis, competitivas e diferenciadoras. Contribuir para a transição para uma economia de baixo carbono faz parte da ambição do grupo Amorim. Deste modo, a Corticeira Amorim desenvolve produtos e soluções eficientes em termos do uso de recursos, dinamizando ainda estudos independentes que permitem obter dados do impacto dos seus produtos no meio ambiente. Entre estes, destaque para o estudo sobre o ciclo de vida das rolhas de cortiça natural e de vinho espumante realizado em 2019 pela EY, que soma a um estudo de avaliação da pegada de carbono da Neutrocork, realizado em 2018, pela PwC. Com uma abordagem *cradle to gate*, ambos os estudos evidenciam de forma clara a pegada de carbono negativa das rolhas de cortiça da Corticeira Amorim.



Amorim Cork 5 500 000 000 rolhas /ano

-309g CO₂eq
rolha natural*

-392g CO₂eq
rolha Neutrocork*

-562g CO₂eq
rolha de vinho espumante*

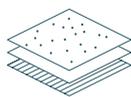


Amorim Cork Flooring 10 000 000 m²/ano de capacidade instalada

62%
produtos com pegada de carbono negativa

TÜV/A+
certificações de qualidade do ar de todas as gamas de produtos

LEED/BREEAM
todos os produtos contribuem para certificações de construção sustentável

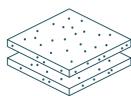


Amorim Cork Composites 200 000 blocos e 40 000 cilindros /ano

56 anos
de práticas de economia circular

>500
aplicações com credenciais de sustentabilidade

>850m²
área de investigação, desenvolvimento e inovação de novos produtos



Amorim Cork Insulation 60 000 m³ de cortiça de isolamento/ano

100%
de produtos recicláveis e reutilizáveis

0% aditivos
aglomeração com as suas próprias resinas

50 anos
grande longevidade com características técnicas testadas pelo menos até 50 anos

* balanço de carbono considerando o sequestro do montado

>1300 euros/ha/ano*

Valor médio estimado dos serviços dos ecossistemas associado a um montado de sobre bem gerido

Serviços de Ecossistemas

Num negócio que depende do equilíbrio entre a natureza e a tecnologia, a Corticeira Amorim promove a gestão de boas práticas do montado e serviços dos ecossistemas. Para medir estas “externalidades positivas”, a CA promoveu um estudo independente realizado pela EY, com vista a avaliar as multifuncionalidades dos montados. O estudo concluiu que os serviços dos ecossistemas avaliados do montado de sobre proporcionam benefícios à sociedade com um valor médio de mais de 1300€/ha/ano. Assim quantificado, este valor permite perceber a importância deste ecossistema. Importante não esquecer o valor imensurável do montado para a preservação da biodiversidade e dos habitats de tantas espécies, e ainda realçar o papel desta floresta única na regulação do clima global graças à capacidade de sequestro de carbono associada, o seu papel enquanto barreira contra incêndios e na regulação do ciclo da água e na manutenção do solo, atuando como barreira à desertificação.

1/36

Hotspots de Biodiversidade

o montado de sobre, que detém estatuto de proteção reconhecido, combate as alterações climáticas, é força motriz do desenvolvimento sustentável e tem um papel fulcral no equilíbrio ecológico do planeta

> 130 espécies de vertebrados

≈ 95% de todos os mamíferos terrestres presentes em Portugal existem no montado

> 1350/ha de plantas vasculares muitas classificadas como raras ou com estatuto de proteção

> 28 espécies de fauna com estatuto de proteção

- 73tCO₂/1t

de cortiça máximo registado de sequestro por tonelada de cortiça extraída

200 anos

tempo médio de vida de um sobreiro

100 000 pessoas

dependem do montado de sobre

*Avaliação dos serviços do ecossistema montado, EY 2019

+ 50 000 ha

Área total de novas plantações

Projeto de Intervenção Florestal

Sob o mote “cuidar do presente, construir o futuro”, a Corticeira Amorim tem vindo a desenvolver, desde 2013, um Projeto de Intervenção Florestal, que visa a preservação e o desenvolvimento sustentável da floresta de sobre. A intenção é trabalhar o sobreiro e a sua biotecnologia de forma a que a produção de cortiça consiga acompanhar o ritmo de crescimento do mercado. Isto através do aumento da resistência da espécie, da redução do primeiro ciclo de extração da cortiça e de um melhor aproveitamento do terreno com aumento da densidade das árvores por hectare.

+ 7%

área total de montado em Portugal

+ 35%

produção de cortiça

- 15 anos

redução do primeiro ciclo de extração de cortiça dos atuais 25 para 10/12 anos

+ 350/ha

número de sobreiros plantados por hectare

+ 17 500 000

sobreiros plantados



As interligações virtuosas entre o montado, o negócio e as pessoas

Durante várias décadas, os resultados financeiros assumiam o papel principal no que dizia respeito à performance de uma empresa. Hoje, na Corticeira Amorim (CA), e em organizações por todo o mundo, fala-se também agora em três pilares estratégicos: *people, planet & profit*. Porém, do ponto de vista da sustentabilidade, será possível que três eixos tão distintos coexistam no core de uma corporação empresarial, sem que um deles prejudique a performance dos restantes?



Ora, Gisela Pires acredita que, no caso da Corticeira Amorim, não só é possível esta convivência, como são as “interligações virtuosas entre o montado, o negócio e as pessoas que caracterizam a empresa”, provando assim “que os três pilares podem conviver em harmonia, e que concorrem para que a cortiça se distinga entre as matérias-primas mais sustentáveis do mundo.” A responsável pela Sustentabilidade Corporativa da Corticeira Amorim explica também que embora “os três pilares do desenvolvimento sustentável possam parecer conflitantes entre si a curto prazo”, não podemos esquecer que “as estratégias e as políticas das empresas são impulsionadas por negócios perspetivados tanto no curto, como no longo prazo”. Ainda que presente nos valores e no negócio da Corticeira Amorim desde sempre, o fator sustentabilidade mereceu em 2019 um especial destaque na ótica de investigação. Os números apresentados ao longo desta Amorim News assim o comprovam inequivocamente. Tais dados resultaram de quatro estudos independentes conduzidos pela consultora EY, cujo objetivo passou por “quantificar os impactos económicos, sociais e ambientais das empresas da Corticeira Amorim em Portugal envolvendo todas as unidades de negócio da empresa.” Gisela Pires sublinha que as análises seguiram “as tendências atuais nas áreas de avaliação do capital natural e serviços dos ecossistemas, pegadas

ambientais de produtos e de geração de valor ao longo da cadeia produtiva”, e acrescenta que “para a prossecução de alguns destes estudos envolveram-se ainda outras entidades externas, como é o caso no estudo de avaliação dos serviços do ecossistema montado, que foi submetido a revisão científica independente pelo CENSE – Center for Environmental and Sustainability Research, com reconhecido mérito internacional”.

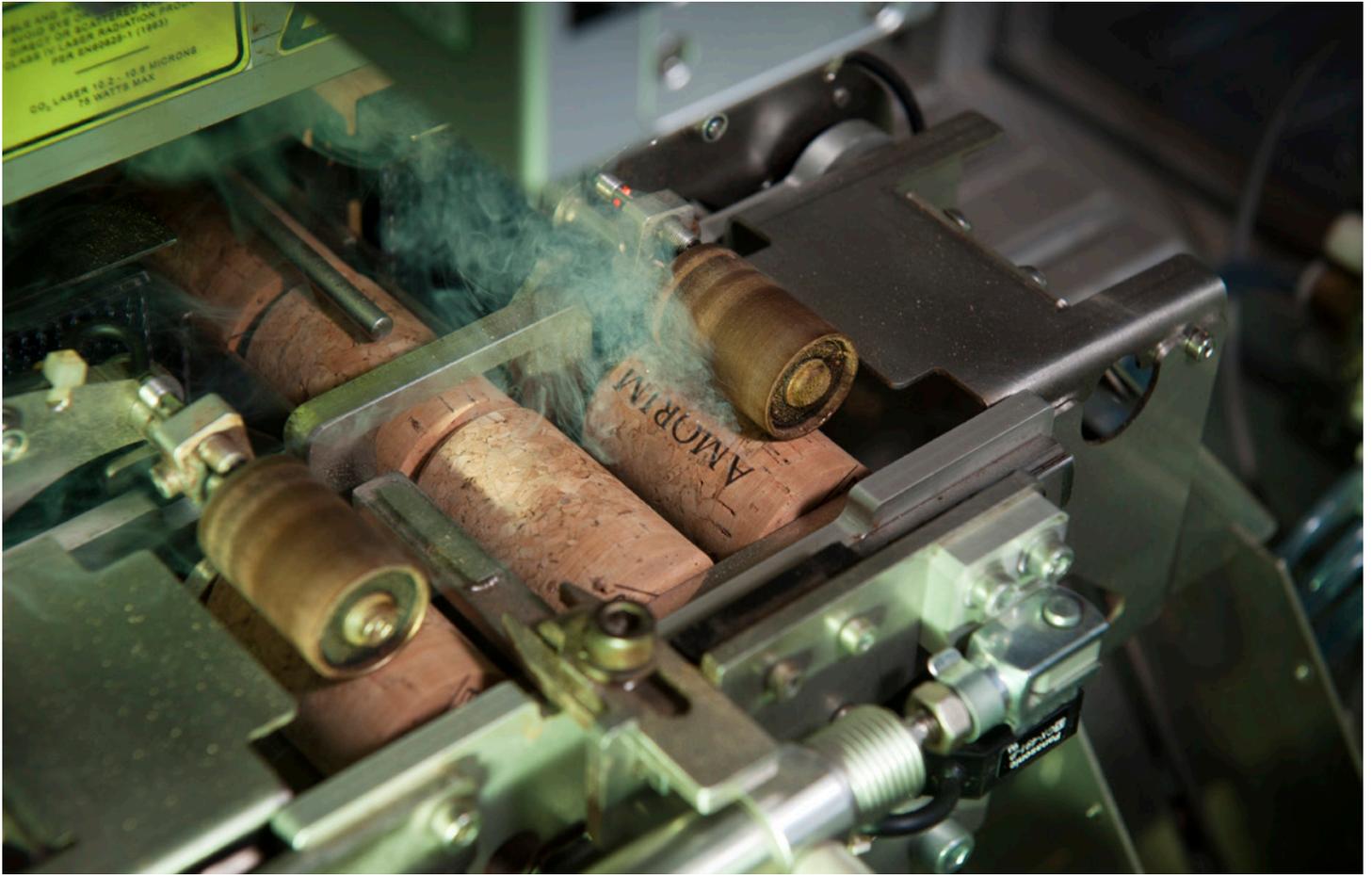
No âmbito da sustentabilidade corporativa, Gisela Pires destaca a importância de envolver todo o universo Amorim. De resto, com esse propósito nasceu em 2008 o Programa de Sustentabilidade da Corticeira Amorim – Escolha Natural, projeto que procura “fazer das práticas de desenvolvimento sustentável um fator de diferenciação positiva junto dos diferentes grupos de *stakeholders* e sensibilizar os colaboradores e a sociedade em geral para a solidariedade social e para a adoção de comportamentos mais amigos do ambiente”. Entre as diversas iniciativas do Escolha Natural, atualmente em processo de *rebranding*, destacam-se “as ações de reflorestação e as ações de educação ambiental”.

Ainda assim, os objetivos não estão confinados apenas ao prisma ambiental. Na verdade, no campo das Pessoas, Gisela Pires relembra que a empresa assume como princípios estruturais: “a dignidade, não discriminação, diversidade e igualdade de oportunidades, formação e educação, liberdade de associação, desenvolvimento pessoal e profissional”. Neste âmbito, entre as medidas entretanto implementadas e as medidas previstas, destaca “a ambição de se atingir zero acidentes de trabalho no médio prazo, verificando-se ao longo dos últimos dois anos – fruto de um investimento sério e profundo nas áreas de Segurança e Saúde no Trabalho – uma redução significativa na frequência de acidentes”. Também a elaboração do “Plano para a Igualdade de Género, que integra ações específicas, focadas na missão e estratégia do grupo, gestão de recursos humanos, articulação entre a vida pessoal e profissional, respeito pela integridade e dignidade dos colaboradores, diálogo social e participação e comunicação externa e interna, reflete o compromisso da empresa em conseguir evolução e resultados numa vertente social!”

Rolhas de cortiça Amorim: pegada negativa, impacto positivo

Um estudo independente da EY sobre o ciclo de vida das rolhas de cortiça confirma as credenciais de sustentabilidade únicas das rolhas Amorim. O balanço de carbono é $-309\text{g CO}_2\text{eq/rolha}$ no caso da rolha natural, enquanto os resultados para a pegada de carbono da rolha de espumante evidenciam um balanço de carbono com um impacto positivo $-562\text{g CO}_2\text{eq/rolha}$. Tais números têm em consideração em ambos os casos o sequestro de carbono do montado de sobro.





Com o objetivo de avaliar os impactos associados ao processo produtivo das rolhas de cortiça e obter dados que permitam melhorar o seu desempenho ambiental, a Corticeira Amorim confiou recentemente à reputada consultora EY a condução de um estudo sobre o ciclo de vida das rolhas de cortiça. As conclusões da avaliação, reveladas no início do ano, confirmam a pegada de carbono negativa das rolhas de cortiça Amorim, e, conseqüentemente, o seu contributo decisivo na luta contra as alterações climáticas e para a proteção do planeta.

O estudo da EY adota uma abordagem *cradle to gate*, na qual o ciclo de vida do produto, desde a obtenção de matéria-prima até à conclusão do processo de produção, é avaliado. Em concreto, foram estudadas diferentes etapas do processo,

sob uma abordagem *business to business*, nomeadamente: atividades florestais, preparação de cortiça, incluindo o transporte da floresta, etapa de produção, etapa de acabamento e embalagem. Para comparação com a abordagem de estudos anteriores, também foi calculado o impacto da distribuição do produto de Portugal para o Reino Unido. A avaliação também incluiu informações adicionais sobre o sequestro de carbono da floresta de sobreiro. Através de um cálculo detalhado para a pegada de carbono da rolha de cortiça natural, verificou-se um balanço de carbono com um impacto positivo na regulação do clima de $-5,7\text{g CO}_2\text{eq/rolha}$. Os resultados para a pegada de carbono da rolha champanhe evidenciam um balanço de carbono com um impacto positivo de $-2,5\text{g de CO}_2\text{eq/rolha}$.

Ao considerar o perímetro alargado que inclui o sequestro de carbono no montado de sobre associado à produção de cortiça, os resultados são ainda mais expressivos: $-309\text{g CO}_2\text{eq/rolha}$ de cortiça natural e $-562\text{g CO}_2\text{eq/rolha}$ de espumante. Estes números, que superam largamente as avaliações anteriores, revelam melhorias significativas no desempenho ambiental da empresa, que se devem à eficiência no uso dos recursos e a medidas de eficiência energética. O impacto da economia circular, numa empresa que utiliza biomassa para cobrir 63% das suas necessidades energéticas, torna-se evidente. E a superioridade das rolhas de cortiça, uma solução 100% natural, biodegradável e com credenciais de sustentabilidade únicas, também é inquestionável.

O que me motiva são as pessoas



Conhecido carinhosamente entre os colegas como LA, Luís Álvaro Costa está no grupo Amorim há mais de 30 anos. A forma apaixonada com que veste a camisola caracteriza-o. O modo inspirador com que dinamiza a plantação anual de sobreiros distingue-o.

A Corticeira Amorim (CA) organiza desde 2011 ações de voluntariado para a plantação de sobreiros e outras árvores autóctones. Ao longo de nove anos, centenas de voluntários plantaram mais de 22 mil árvores, maioritariamente sobreiros, em território português. No universo Amorim, quando falamos nesta iniciativa, surge um nome incontornável: Luís Álvaro Costa. É em 2013, decorridas já duas plantações, que Luís Álvaro passa a fazer parte do projeto. A partir daí, nunca mais parou. “A ideia era envolver e consciencializar os nossos colegas para a importância de fazermos diferente em termos ambientais, mudando a nossa forma de pensar e atuar. Foi com este espírito que comecei a organizar as primeiras plantações, sempre com o princípio de envolver todos os colaboradores num momento de partilha e convívio”. Ano após ano, LA tornou-se uma figura querida junto dos voluntários, que não param de aumentar. “É gratificante perceber que passamos de 20/30 colaboradores para cerca de 120, e porque limitamos as vagas.” Além do incremento

em número, é possível verificar uma crescente “vontade dos colaboradores em serem parte integrante deste projeto”, o que, garante, é a razão “para continuar a fazer mais e melhor”. Entre os voluntários, sublinha “a adesão considerável de colaboradores de ambiente fabril”, o que “é de valorizar e incentivar”. Alguns, diz, “nunca perderam uma plantação” e ajudaram “a consolidar esta iniciativa ao longo dos anos”. Destaca ainda a “importância da participação dos mais jovens, que, através desta experiência, ficam a conhecer uma nova realidade.” Para muitos, estas ações de voluntariado são o primeiro contacto com o montado de sobreiro, o que introduz nestas iniciativas uma importante “vertente formativa”. Quanto ao que o leva a vestir a camisola tão apaixonadamente, Luís Álvaro não tem dúvidas. “O que me motiva são, sem dúvida, as pessoas. São elas um dos pilares do sucesso do grupo Amorim. São genuínas, empenhadas, sempre disponíveis para ajudar. Depois de mais uma plantação, o que levo para casa é sentimento de ter comungado com os meus colegas um

momento de proximidade com a natureza, e que a Corticeira Amorim, com os pequenos gestos dos seus colaboradores, faz a diferença.” Para 2020, data em que a CA celebra o seu 150.^o aniversário, estavam previstas várias ações neste âmbito que, devido ao contexto pandémico vivido, foram adiadas. Ainda assim, mesmo sem data definida, espera-se que a plantação anual se realize “na segunda quinzena de novembro”. A divulgação e recolha de inscrições será feita com a colaboração dos departamentos de recursos humanos. Ao universo de colaboradores que nos lê, e, concretamente, a todos os que podem estar a pensar participar, Luís Álvaro reforça que “todos são bem-vindos.” e garante que “terão uma experiência gratificante” por tudo o que a rodeia, “o contato com a natureza, o colocar as mãos na terra, o espírito de equipa, os laços de amizade que se criam. E claro, há sempre um belo almoço convívio no final da plantação, muito apreciado por todos os participantes.”

Pré-publicação: 30 histórias da nossa gente

São histórias com gente dentro. Gente de trabalho. Gente cujo labor ajudou a moldar o que é hoje o grupo Amorim. Gente, enfim, que por mérito próprio é protagonista maior de um percurso empresarial que, em 2020, perfaz 150 anos.

No âmbito das comemorações do nosso 150.º aniversário, decidimos reunir em livro as histórias, pessoais mas sobretudo profissionais, de 30 colaboradores do grupo Amorim. Pecamos por defeito, é certo. Muitas outras histórias de muitos outros rostos ajudariam a contar e a compreender essa desmesurada aventura iniciada em 1870. Mas os 30 relatos de vida que recolhemos são um fresco vívido do esforço e talento que fazem a grandeza do grupo Amorim.

Os testemunhos reunidos no livro não são só representativos do mosaico de profissões e atividades do grupo Amorim. Trata-se de histórias de vida que retratam, na sua intrínseca individualidade, a diversidade humana e social que está presente em todas as unidades do grupo. Talvez não forneçam explicações sociológicas, nem era essa a intenção, mas ilustram com nitidez a babel de vivências e emoções, sentimentos e idiosincrasias que definem uma comunidade. Neste caso, a nossa comunidade. A comunidade Amorim. O método de edição do livro não difere muito da reportagem jornalística. Primeiro, procedeu-se à seleção dos colaboradores, procurando garantir a representação

de todas as unidades do grupo. Depois, esses mesmos colaboradores foram entrevistados pela direção de Recursos Humanos, que desta forma recolheu os testemunhos que servem de base às curtas narrativas biográficas que compõem o livro. O que daqui resulta é uma coleção de memórias. São lembrados acontecimentos, pessoas, datas, números... Algumas recordações deixam um sabor adocicado. Outras, um travo adstringente. Mas em todas se entornam afetos e emoções que permitem compreender o sentimento de pertença ao grupo Amorim. Muita gente, muitas vidas, muitos destinos com um fator identitário em comum: o grupo Amorim.



Estamos na origem disto tudo

As histórias da família Silva e do grupo Amorim cruzaram-se, pela primeira vez, no século passado. Decorria o ano de 1937 quando Norberto Silva, rapaz humilde de Fiães, Santa Maria da Feira, entra para o grupo empresarial. Hoje, mais de 80 anos depois, os Silva são uma das muitas famílias que vestem a camisola da Amorim, endossando-a de geração em geração. Cinco filhos, um genro, dois netos, e muitas estórias para contar. Incêndios, casamentos, crises, distinções, namoros, viagens, promoções, sonhos, asneiras. Isto é, memórias iguais a tantas outras vividas pelos milhares de colaboradores que, independentemente do seu apelido, ajudaram a construir durante 150 anos o nosso sucesso. A todos o nosso Obrigado!

Norberto, patriarca da família Silva, tem hoje 94 anos. “Custa-lhe falar ao telemóvel”, explica Ana Maria, a filha mais nova. A destreza e o vigor físico de outrora, com que “carregava carros, levando fardos de cortiça às costas”, foi substituída pelo vigor das palavras que os seus filhos e netos usam para contar a sua história. Começou no grupo com 11 anos, em 1937. Saiu, voltou anos depois e aqui ficou, até à reforma. Norberto Pai, chamemos-lhe assim, era “encarregado no estaleiro” e a única fonte de rendimento de uma família com cinco filhos. Quatro Marias, “porque antigamente era tudo Marias”, e um Norberto, chamemos-lhe filho. Primeiro nasceu a Maria Clara, depois veio o Norberto, o filho, seguiu-se a Maria Filomena e a Maria Fernanda, filhas do meio e, por fim, a Ana Maria, a mais nova. Sobre o Norberto Pai todos sublinham que sempre foi homem de “falar pouco”, “era muito trabalho, ele chegava a casa tarde”. “Fala mais agora, ele agora fala muito”, diz Maria Fernanda, sobre os tempos em que

o seu pai “levava a comida na panela e aquecia na água da caldeira”, de quando “iam buscar a cortiça e até atravessavam o rio, no Montijo, e o barco vinha tão carregado que eles pensavam em meter os fardos ao rio, com medo deste afundar”. Norberto sempre foi “bom pai e muito boa pessoa.” Foi e é “muito bom para os filhos, para os netos” e, mesmo na fábrica, “ninguém tem que dizer”. Ainda assim, de vez em quando “lá falava alto”, diz Maria Clara, “mas diziam que era só da boca para fora, que era boa pessoa”. Dos cerca de 50 anos de trabalho do pai no grupo, o balanço é positivo, diz Filomena, “coisas há, mas a parte positiva ultrapassa a negativa”. Ainda “há uns meses”, conta Clara, “ele dizia ao meu filho e ao meu irmão que queria muito falar com o Dr. António, que ele foi muito amigo dele”. No grupo, aos poucos, “meteu lá os filhos, que era coisa que na altura ele não queria muito, porque tinha medo que acontecesse alguma coisa na empresa e estava lá a família toda.”

“A gente vai falar do quê?”

Maria Clara foi a primeira filha de Norberto a entrar para a Amorim. “Foi no ano de 77, tinha 14 anos, ia fazer 15, entrei a 16 de maio”, recorda, “vai fazer agora 43 anos”. Começou “no setor dos blocos, que é onde agora se fazem os convívios de Natal”. Hoje trabalha na Amorim Top Series, “vai fazer 23 anos”. É a única dos quatro irmãos que não está na Amorim Cork. Nos almoços e jantares de família, o trabalho é, por isso, assunto recorrente. “A gente vai falar do quê?”, brinca Filomena, “uns falam de uma coisa, outros de outra, mas é quase sempre de trabalho, mesmo que a gente queira fugir, não consegue, há sempre histórias”. Norberto Silva, o filho, foi o terceiro elemento da família a entrar para a Amorim. “Trabalho aqui no grupo há 42 anos, entrei a 5 de janeiro de 78”, tinha 14 anos, mas “com 13 já fazia muito trabalho”. Só fez o 4.º ano, “era a lei daquele tempo”. Ao longo dos anos foi crescendo e aprendendo. “O meu pai dizia para eu abrir os olhos. Um dia eles vão escolher os melhores dos melhores.



Maria
Fernanda Silva

Norberto Silva
(filho)

Maria Clara Silva

Norberto Silva
(pai)

Ana Maria Silva

Filomena
Silva Soares

Jorge
Silva Guedes

Norberto Xavier

Fernando Soares

Era verdade.” Entrou para os blocos, para o lugar da irmã Clara, que se mudou para a fábrica, onde esteve “ali durante um ano, na frente da rabaneação”. “Tinha gosto por aquilo, gostei de trabalhar ali na cortiça, foi um bom princípio”, acrescenta. Em 1980, passou para a serralharia, onde ainda hoje continua “na parte da manutenção”. Dezanove anos depois, passou a ter uma equipa a seu cargo. Viajou, esteve “um mês na Austrália a montar uma fábrica”, esteve na Tunísia, e acompanhou toda a evolução tecnológica no mundo das rolhas, mas são sobretudo as memórias dos primeiros tempos que recorda. Um dia, “saía para o Alentejo no dia anterior, às 8 horas, e chegava lá às 3 da manhã. Eu ficava na fábrica de Abrantes sozinho. Deitava-me em cima de umas redes à espera que o dia nascesse.” Outras vezes, “ia com o Sr. José Amorim, às 6 da manhã. Quando eram 8h30, 9 horas estávamos lá. Íamos a conversar. Lembro-me que ele me pedia muitos cigarros. Ele fumava muito. Ele sabia que eu fumava. Chegávamos a Abrantes, parávamos e íamos tomar o pequeno almoço. Depois de Norberto, seguiu-se a Maria Fernanda, que chegou ao grupo em 1980, tinha 14 anos. “Vai fazer 40 anos que lá ando”. O seu sonho era ser cabeleireira, conta, chegando a pensar seriamente na carreira, mas o pai apontou-lhe outro caminho. “Tirei o curso e andei a fazer isso em part-time, na altura era para sair da Amorim e ele aconselhou-me a não sair”. “Pensa bem, pensa bem, dizia, e eu realmente pensei e hoje agradeço”. Começou no setor de tratamento das rolhas, “onde a rolha era tratada, marcada, embalada em caixas e ia para o cliente”. Desses tempos humildes, recorda, sorrindo, que não havia tão pouco transporte. “A gente aproveitava a

boleia dos camiões que iam buscar a cortiça para nos levarem para casa. Mais tarde, quando o setor de tratamento mudou de local, Fernanda ficou na colmatagem, onde permanece até hoje.

Namoro às escondidas

Em 1981, um ano após a entrada de Fernanda, chega ao grupo a Maria Filomena. Tinha 16 anos. Esteve dois anos noutra empresa, mas “todos os dias chateava o meu pai porque queria ir para os Amorim”. Mena, como é conhecida na empresa, entrou para a Escolha e aí ficou. “Foi a arte que aprendi e gosto daquilo que faço.” Foi na empresa que conheceu Fernando Soares, o seu marido, que também trabalha há 40 anos na Amorim. Ter conhecido Filomena “é o ponto alto do meu trajeto aqui dentro da empresa”, conta Fernando. O namoro “era sempre às escondidas, nas horas dos intervalos”, e até hoje recorda a sua primeira interação com o Norberto Pai, que se tornaria seu sogro. “Há momentos caricatos, a primeira vez que cheguei aqui, fui ver uma avaria à caldeira e, na minha ingenuidade, desliguei-a. Vem o Sr. Norberto e tratou-me do pior porque eu desliguei aquilo, por ter feito asneiras”. Ana Maria, a irmã mais nova, foi última a entrar para o grupo, em 1983, com 14 anos, mas aos 12 “já vinha para aqui trazer os almoços para as minhas irmãs, para o meu pai, para o meu irmão.” Entrou logo para a Escolha, “que na altura era à mão, numa banca, e depois passou para as máquinas de passagem”. Passou pela Amorim 2, onde esteve mais 10 anos. Depois, voltou para a Amorim Irmãos, onde “nessa altura, as bancas já tinham acabado”. Tudo foi evoluindo e do passado, diz, “fica sempre um restinho de saudades, não é?” Mas o presente constrói-se pelas mãos de

Norberto Xavier, filho de Norberto Filho, e Jorge Guedes, filho de Maria Clara, netos de Norberto Pai. São a terceira geração da família a trabalhar no grupo. Norberto Xavier entrou em 2014. Foi operador, fez um estágio, e hoje integra a equipa de controlo de gestão da Biocape. Jorge, por seu turno, foi o último “Silva” a entrar no grupo, em 2017. Trabalha na Amorim Distribuição, mas pretende terminar o curso de contabilidade e administração que frequenta atualmente à noite.

Uma segunda família

É certo que para a família Silva nem tudo foram momentos bons. O incêndio nos anos 80 marcou os irmãos mais velhos e o genro, Fernando, que “foi lá em baixo, onde havia o estaleiro, com todo o mundo envolvido ali, a tirar fardos”. Ana Maria e Maria Clara falam das mudanças de posto, do começo em lugares novos, dentro do grupo, onde tudo era desconhecido. Porém, para todos eles, pai, filhos e netos, o balanço é positivo e as boas recordações superam, de longe, as más. “Lembro-me sempre de coisas boas, não tenho coisas más”, sublinha Filomena. Ana Maria, por sua vez, destaca claramente uma data. “O que eu gostei mesmo foi quando eu recebi o relógio dos 25 anos. Fomos ali à casa grande, ao museu, e depois tivemos lá uma festazinha.” Trabalhar no grupo foi a única coisa que fez até agora, que “é quase uma família, é uma segunda família”. São já longos os anos e a história da família Silva no grupo Amorim. Nesse tempo, a empresa cresceu, evoluiu. “Maquinismo, robôs, tecnologia, computadores”, enumera Maria Clara. “Foi uma roda que nunca mais parou”, comenta Norberto filho. “Nós estamos na origem disto, mas nós nem damos por ela. É engraçado.”

ASPORTUGUESAS: identidade sustentável



De pequenos passos se fazem grandes histórias. No caso d'ASPORTUGUESAS, o sucesso resulta de uma combinação inédita de criatividade, empreendedorismo, inovação e audácia. E da magia do acaso também.

Quando terminou arquitetura, depois de trabalhar algum tempo em projetos, Pedro Abrantes decidiu fazer o que não esperavam dele: deixou o gabinete onde colaborava e foi trabalhar para uma loja de desporto. Foi aí que, no final de 2014, se deu um encontro que iria mudar a sua vida. Pedro Abrantes, então com 26 anos, era responsável por uma das secções da loja, e foi nessa qualidade que atendeu António Rios de Amorim, que procurava um artigo que não estava disponível. Quando o Presidente e CEO da Corticeira Amorim deu os seus dados, para concluir a encomenda, Pedro Abrantes lançou-lhe, num misto de consideração e ousadia: “Sabe que eu compro material à sua empresa”. Foi o princípio de uma conversa breve, mas convincente. Depois de ter criado, com um amigo, uma mini horta portátil de cortiça – chamava-se I-Plant – Pedro Abrantes tinha abraçado um projeto a solo, que consistia

no desenvolvimento das primeiras flip-flops de cortiça portuguesa, um produto diferente porque a cortiça estava não só na sola, como também na parte que fica em contacto com o pé. Chamara-lhe “ASPORTUGUESAS”, num claro contraponto às versões internacionais deste tipo de calçado. A cortiça atraía-o porque o seu objetivo era “fazer alguma coisa nova, diferente, e a cortiça era um material tão nobre, e ainda por cima português, com características tão únicas. O pontapé de saída sempre foi fazer alguma coisa que estivesse ligada à sustentabilidade e à nacionalidade”. Para produzir as flip-flops (artesanamente, na garagem da mãe) Pedro Abrantes precisava de matéria-prima, que comprava à Corticeira Amorim. A borracha colorida, para as tiras, vinha do Brasil. A ideia tinha resultado tão bem que poucas horas depois de lançar o produto numa página de Facebook, o jovem empreendedor tinha

150 pedidos, mas apenas 100 pares de chinelos prontos para enviar. De volta à loja, Pedro Abrantes agarrou a oportunidade que o acaso lhe apresentava e em dois minutos fez o “elevator pitch” que marcaria um antes e um depois na sua vida. O “depois” veio rápido. O encontro com António Rios de Amorim aconteceu num domingo e na segunda-feira de manhã Pedro Abrantes estava a receber um telefonema da Corticeira Amorim. Do outro lado da linha estava Paulo Bessa, Managing Director da Amorim Cork Ventures (ACV), a recém-formada incubadora do grupo: “Tínhamos acabado de lançar a Amorim Cork Ventures, com uma dotação de 1 milhão de euros para apoiar projectos de empreendedorismo com cortiça, e houve esta feliz coincidência”, recorda. Alguns meses mais tarde, ASPORTUGUESAS tornar-se-iam na primeira start up impulsionada pela ACV.

Pré-aceleração

Pedro Abrantes já tinha visitado a Corticeira Amorim alguns meses antes, para conseguir o material que lhe permitiria fazer as suas flip-flops sustentáveis e portuguesas. Mas agora era diferente. Era a própria corticeira que queria saber mais sobre o projeto. Eventualmente investir. “Aquilo que procurávamos era um projeto com características interessantes e uma pessoa capaz de o liderar,” recorda Paulo Bessa. “Estas condições estavam reunidas n’ ASPORTUGUESAS. De outra forma, não faria sentido entrar num negócio como principal investidor e sócio minoritário. Este projeto tinha esse perfil ousado, um espírito jovem e o Pedro tinha dado provas dessa atitude mesmo antes da entrada da Amorim, o que só abona em seu favor. Ele soube detetar uma oportunidade e aproveitá-la.”

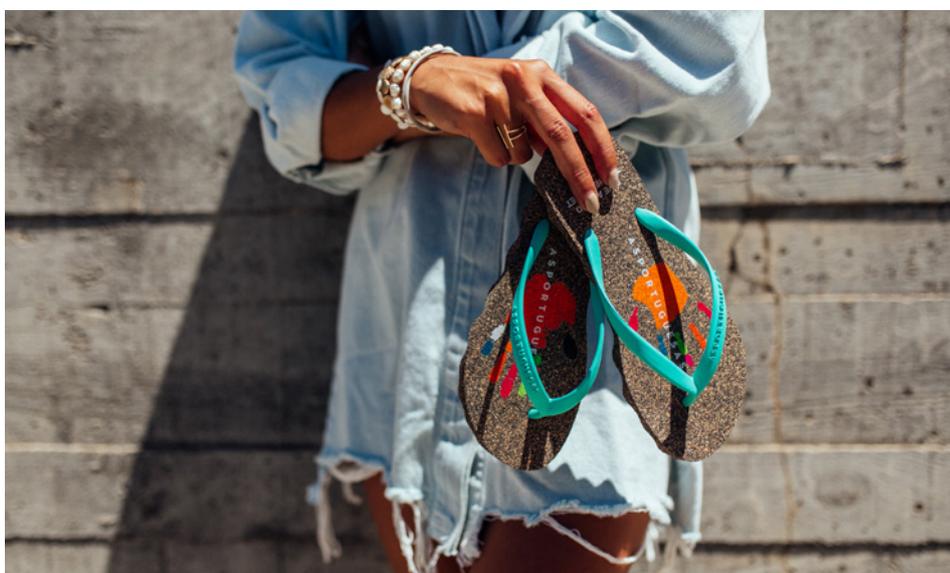
Entre Setembro e Dezembro de 2014, Pedro Abrantes, recebeu formação através de um programa intensivo de pré-aceleração, desenvolvido pela ACV e que englobava todas as vertentes de uma empresa, da gestão ao desenvolvimento de produto, passando pelo marketing e comunicação e as vendas. Nesta fase, havia vários projetos pré-selecionados, envolvidos num programa cujo objetivo era passar de uma boa ideia a uma proposta de negócio contundente.

Concluído o programa, Pedro Abrantes apresentou o seu modelo de negócio perante um painel da ACV, e depois, aos acionistas da Corticeira Amorim. A resposta mais uma vez não tardou. “No dia 23 de dezembro ligaram-me e disseram-me que o meu plano de negócios e de investimento tinha sido validado pela CA e que era para avançar” recorda. A partir daí, constitui-se a empresa e o envolvimento da Corticeira Amorim é muito maior. Desenvolve-se um produto “muito melhor e muito mais competitivo”, há um grande foco nas vendas online e durante dois anos tem lugar uma “experiência fantástica de inovação”, como descreve Pedro Abrantes. É a verdadeira fase de aceleração.

ASPORTUGUESAS pelo Mundo

A marca foi oficialmente lançada em Março de 2016, e hoje ASPORTUGUESAS pisam firme pelo mundo, levando a pegada sustentável da cortiça aos quatro cantos do planeta. Os Estados Unidos são um dos principais mercados, mas a marca também está presente no Canadá, Japão, Filipinas, Coreia, África do Sul, Austrália, Nova Zelândia, e claro, na Europa.

A partir da ideia inicial foi lançada uma coleção de Inverno, que mantém o “core” de cortiça, e incorpora o feltro, um material também ele orgânico e sustentável. Para este passo, foi decisiva a entrada, em 2017, da Kyaiia, o parceiro certo para trazer *know-how* expandir mercados. Paulo



Bessa recorda esse momento: “Aquilo que nos levou a entrar no projeto foi perceber que havia um mercado receptivo a este tipo de conceito eco-friendly, e que podíamos desenvolver, a partir da cortiça, uma solução amiga do ambiente com os requisitos técnicos para satisfazer essa procura. Isso, aliado à pessoa que defendia esse conceito. A partir desse pressuposto, sabíamos que para crescer era preciso conhecer melhor as particularidades do setor e abrir canais de distribuição. Por isso abordámos a Kyaiia, para que se juntasse ao projeto. Tivemos a habilidade de juntar o líder mundial da cortiça ao líder nacional do calçado” realça.

Qual o segredo do sucesso, afinal? “Ainda não é um sucesso”, responde Pedro Abrantes, com humildade: “Estamos a semear, em vários locais, para mais tarde colher. Esse distanciamento é importante. Mas temos uma proposta de valor, que é a nossa matéria-prima, que dá características únicas ao nosso produto.

A sustentabilidade é total, não só do produto, mas da empresa, de tudo o que nos rodeia. Quando enviamos uma amostra a um cliente usamos sacos de papel. Recusamo-nos a usar plástico. Não é só o produto, mas também a forma de estar. Ser sustentável de 0 a 10. Talvez o segredo seja o facto de termos conseguido, no meio de um negócio gigante, reinventar o produto, com uma matéria 100% natural. Em todo este processo não posso deixar de mencionar o Dr. António Amorim, mas também o Dr. Paulo Bessa, e o Dr. Nuno Barroca, pelo envolvimento e empenho extraordinários. Sem eles, nada disto teria sido possível”.

Possibilidades infinitas do Cork Pure Signature na Domotex



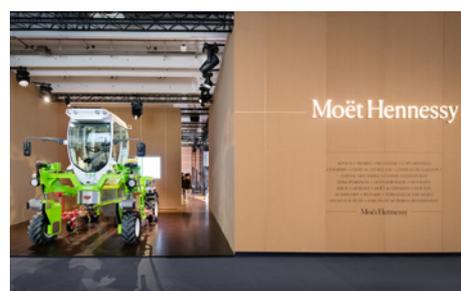
Em ano de celebrações, a Amorim Cork Flooring voltou a marcar presença na Domotex, a mais importante feira de revestimentos do mundo, realizada anualmente em Hannover. O lançamento da nova coleção Cork Pure Signature, que à sustentabilidade alia a possibilidade de criar mais 17 mil combinações diferentes, foi o ponto alto do evento. Fazendo a ponte entre um legado único e um futuro focado na inovação e na sustentabilidade, a Amorim Cork Flooring apresentou na Domotex, em Hannover, as suas novidades para 2020. No topo da lista, o mais recente lançamento da nova geração de pavimentos Amorim Wise, Cork Pure Signature, uma coleção carbono-negativa, feita a partir de cortiça e materiais reciclados, que permite a criação de padrões personalizados, com mais de 17 mil combinações. Com esta opção, os clientes podem idealizar diferentes padrões, elegendo-os de entre 17 visuais naturais de cortiça, e combiná-los com as 31 cores disponíveis, com diversos acabamentos, dimensões e espessuras. Destaque ainda para o lançamento da nova gama Wood Resist Eco, da Wicanders.

Esta solução, marcadamente sustentável, oferece 25 visuais de madeira num produto totalmente livre de PVCs, passível de ser instalado em zonas de tráfego intenso (classe 33). Para Mário Pinho, Marketing Manager e Business Developer da Amorim Cork Flooring, “As gamas Amorim WISE Cork Pure Signature e Wicanders Wood Resist Eco vêm reforçar o compromisso de sustentabilidade há muito assumido pela Amorim Cork Flooring, que continua a apostar em produtos naturais e sem PVCs. Estar cada vez mais próximos dos clientes continua a ser um dos nossos principais objetivos, através do desenvolvimento de conceitos inovadores e personalizados que conferem um carácter moderno e atual à cortiça.”

Um cocoon de cortiça para a Moët Hennessy na Vinexpo

Quando a Moët Hennessy decidiu criar um fórum para a sustentabilidade durante a Vinexpo em Paris a escolha óbvia foi a cortiça. A ideia era criar um fórum para compreender de que forma podemos deixar solos saudáveis e preservados às próximas gerações. A ocasião foi um dos mais importantes eventos do mundo dos vinhos, a Vinexpo, em Paris. E o cenário, um espaço completamente ecológico, reciclável e biológico das paredes até ao teto, desenvolvido pela Moët Hennessy. No fundo, uma espécie de “casulo” de cortiça, onde o isolamento acústico garantido pela matéria-prima natural tinha um papel especialmente importante, limitando a poluição sonora. O projeto, da autoria arquitecta Jeanne

Dumont, respondia às exigências de sustentabilidade definidas pela conhecida Maison, utilizando apenas materiais de “grande pureza” como a cortiça, emblema da economia circular, e a madeira. Ao mesmo tempo, refletia o “universo cultural do vinho e da viticultura”, que por sua vez é, há séculos, indissociável da cortiça. Sobre esta escolha, Carlos de Jesus, Diretor de Marketing e Comunicação da Amorim Cork, referiu “É fantástico ver de que maneira as credenciais de sustentabilidade da cortiça são evidenciadas neste projeto extraordinário. O feedback aqui em Paris tem sido excelente”.



150 anos: Segundo ato



1870
AMORIM
2020

Our world is cork.

www.amorim.com